



ESPAÇO ALTERNATIVO

PESSOAS, PERFIS E HISTÓRIAS DE BERLIM

Enio Moraes Júnior¹

RESUMO: Cinco perfis publicados entre abril e outubro de 2018 no site Berlinda, um portal berlinense voltado para a comunidade lusófona da capital da Alemanha. Ana Mendonça, Ismael Miquidade, Luís Pedro Vitorino Gomes, Manuela Sambo e Aloísio Avaz são os personagens dessas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: *Perfis. Lusofonia. Alemanha. Berlim. Berlinda.*

ABSTRACT: Five profiles published between April and October 2018 on Berlinda: a site from Berlin for the Portuguese-speaking community in the capital of Germany. Ana Mendonça, Ismael Miquidade, Luís Pedro Vitorino Gomes, Manuela Sambo and Aloísio Avaz are the characters of these stories.

KEYWORDS: *profiles. Lusophony. Germany. Berlin, Berlinda.*

¹ Enio Moraes Júnior é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e integrante do Alterjor. Mora em Berlim, onde trabalha como redator e jornalista. E-mail: eniomoraesj@gmail.com. Portfólio: <https://enioonline.wordpress.com/>

Apresentação

Ao ganhar linhas e caligrafia nos textos, cada pessoa vai sendo delineada e se “fazendo escrita”. Observar e narrar o universo que existe dentro de cada ser humano é um trabalho laborioso, mas compensador. É uma das coisas que eu mais gosto de fazer: em português, porque sou brasileiro, mas também em qualquer outro idioma, porque toda pessoa sempre se pode traduzir.

Na cidade de Berlim, vivem cerca de 30 mil brasileiros e uns tantos outros milhares de falantes da língua portuguesa: a maioria vinda de Portugal, mas há também angolanos, moçambicanos, guineenses... Na minha jornada de imigrante na capital da Alemanha, além dos diferentes sotaques lusófonos, tenho misturado idiomas. Mas é na minha “pátria-língua” que me expresso melhor, que me reconheço e que volto a mim todos os dias.

Assim surgiu a ideia de escrever uma série de perfis para o site *Berlinda*, um magazine berlinense voltado para a comunidade de língua portuguesa. Para isso, contei com o apoio inestimável da editora do site, a portuguesa **Rita Guerreiro**.

22

Durante as reportagens, conheci e conversei com pessoas como a técnica de saúde Ana Mendonça, o fotógrafo Ismael Miquidade, o engenheiro Luís Pedro Vitorino Gomes e a artista plástica Manuela Sambo. Reencontrei o coreógrafo Aloísio Avaz, que eu já conhecia, mas comecei a vê-lo de uma nova forma, com (uma) história.

Tomei café, chá, cerveja. Provei quitutes típicos de alguns países lusófonos e fui convidado para almoços e novos trabalhos. Ri e me emocionei. Ao estar com cada um deles, “estive em mim” e me senti em casa por causa da nossa língua comum.

Ao mesmo tempo, para contar as histórias desses personagens, misturei idiomas durante as entrevistas de apoio com seus parentes e amigos: alemão, inglês, espanhol. No entanto, o mais importante foi constatar que todos esses cinco personagens, apesar das diferentes origens, podem ser iguais em sua dimensão humana.

Deslisar e tilintar

Sonhos, desejos, frustrações, vontades, dores. Amores, sabores, mentiras, verdades, saudade. O que se diz, o que se cala. O que se revela, o que se oculta. Tudo parece explodir em todos. E é exatamente dessa humanidade que se ocupa o jornalista que conta histórias de gente.

No entanto, nem tudo se revela ao jornalista. Muita coisa fica oculta no que é dito e no que é calado pelo entrevistado que está ali, na sua frente. Mas é preciso tentar captar tudo e transformar em palavras que “deslisam” no texto à mão ou “tilintam” no teclado do computador. Ainda assim, muita coisa fica escondida e o jornalista jamais as transformará em palavras... Será puro “ar” que alguns leitores terão sagacidade intuir.

Escrever implica, acima de tudo, encontrar, interessar-se, interpretar. Por isso, construir um perfil é mais do que descrever o ser humano. É olhá-lo com atenção, fotografar seu espírito e rabiscar, em linhas cuidadosas, seu passado, seu momento e seus sonhos. Todo indivíduo tem uma história esperando para ser contada porque toda a pessoa é, enfim, muita história!

Os cinco perfis que seguem foram publicados no *Berlinda* entre abril e outubro de 2018, na seção *Histórias de Berlim* ou *Geschichten aus Berlin*. Alguns desses textos estão disponíveis no site também em alemão, com tradução do companheiro **Alexander Pribb**.

Agradeço a cada parente ou amigo desses personagens da vida real, cujas palavras ajudaram a “tecer uma teia” sobre cada uma dessas pessoas. Agradeço, especialmente, a Dona Ana, ao Ismael, ao Luís Pedro, à Manuela e ao Aloísio. Seguem suas histórias.

Boa leitura.

Enio Moraes Júnior

Berlim, 2018

Dona Ana, uma mulher de raízes

“Eu sou muito família. Esta é a força para estar aqui”, diz a guineense que vive em Berlim há quase 25 anos

Texto e fotos: Enio Moraes Júnior



“Ana Cândida Correia Andrade Tavares Coelho de Mendonça (risos). É um nome grande, porque eu fiquei com o nome do pai, da mãe e do casamento. Normalmente, tira-se e fica-se com o do casamento, mas eu fiz questão de manter o meu nome todo”, diz Dona Ana.

Dois nomes e cinco sobrenomes são uma metáfora da ligação dessa senhora, nascida na Guiné-Bissau há 60 anos, com a sua história. “Mas a família e os amigos me chamam de Eta”, acrescenta. Ela elegeu Berlim seu lugar de morada, mas não esquece o lugar onde nasceu. É como uma árvore cheia de raízes.

Em um final de tarde de verão, nos encontramos na Katharinenstift, uma igreja católica que fica na Greifswalder Straße, no bairro de Prenzlauer Berg. O espaço, que vez ou outra Dona Ana frequenta para assistir às missas, agrega a Comunidade Católica de Língua Portuguesa em Berlim.

- Você não conhece? É uma igreja com missa em português. Tem um padre brasileiro, padre Tarcísio, que é mesmo muito bom. Vem gente da Guiné-Bissau, do

Brasil, de Angola, de Moçambique e de Portugal. Em cada sábado do mês, uma das comunidades é responsável pela celebração.

No pátio da igreja, cercados por plantas e tranquilidade, conversamos por quase duas horas. Vestindo um casaco verde-água, que combinava com a vegetação do jardim, Dona Ana parecia familiarizada com aquele lugar. Aliás, família é um traço importante na vida dessa senhora simpática e cheia de entusiasmo.

Filha de Donana Correia e Alfredo Tavares, Dona Ana nasceu em Bigene, uma pequena cidade da Guiné-Bissau. Mas foi com as ilhas de Bijagós que construiu maior identificação. “É o paraíso guineense, com muitas praias”. Foi em uma das cidades do arquipélago, Bubaque, que cresceu e estudou. Antes de arrumar as malas e partir para o mundo, no entanto, Dona Ana morou na capital do país, Bissau.

- De lá, fui para Portugal. Primeiro para Lisboa, depois para Coimbra, onde fiz um curso técnico de análises clínicas e saúde pública. Depois, consegui trabalho em Portimão, no Algarve.

A passagem por Portugal foi como uma lufada de ar para se encher de coragem e ficar de vez na Europa. Era tempo de se mudar para a Alemanha.

Família e Berlim

Em cada um dos três países onde viveu, Dona Ana gerou frutos, consolidando sua passagem. O filho mais velho, Ricardo Alfredo, de 38 anos, nasceu na Guiné-Bissau. Luana Patrícia, hoje com 29, é portuguesa. A caçula, Désirée, de 22 anos, é alemã.

Numa dessas reviravoltas da vida, Dona Ana se separou do primeiro marido, pai do casal de filhos mais velhos, e mudou de país. Em 1994, armou-se de coragem e de fé no futuro e decidiu viver em Berlim, onde está há quase 25 anos.

- Primeiro, comecei a aprender a língua alemã. Mas, assim que fiz a língua, logo comecei a trabalhar. Não tive problema com isso. Fiz a tradução dos documentos, entreguei e deram-me equivalência.

Na Alemanha, ela também arrumou um novo amor. Seu Manuel, que sempre estivera na sua vida como amigo, estava para se tornar seu marido. “O nome dele, na verdade, é Manuel Coelho de Mendonça, mas toda gente só o conhece como Nhomba”.

Doutor em medicina veterinária pela Karl Marx Universität, em Leipzig, Nhomba é um homem apaixonado. Chapéu na cabeça, vestindo uma camisa jeans e bastante atencioso, ele se diz feliz ao lado da esposa. “Ela tem defeitos, como todos os seres humanos, mas tem também qualidades. Muitas”.

Nhomba relembra uma canção que cantou para Dona Ana no dia do casamento. “Era uma música brasileira que dizia: ‘procurei em todas as mulheres a felicidade...’”. A canção, uma das mais populares do sambista Martinho da Vila, resume o sentimento de um homem devotado à mulher amada e termina com um verso que é pura declaração de amor: “você é tudo que um dia eu sonhei pra mim”.

Dona Ana reconhece que a presença de Nhomba foi sempre fundamental na sua vida na Alemanha. Ela conta que, assim que a filha do casal, Désirée, nasceu, foi ele quem assumiu grande parte dos cuidados com o bebê.

- Ele tinha horários flexíveis no trabalho e me ajudou muito, porque eu havia encontrado um emprego e estava ansiosa para trabalhar. O meu medo era não poder ser, na Alemanha, ativa como sempre fui.

Dona Ana confessa que o seu principal elo com Berlim está no marido e nos filhos. “Eu sou muito família. Está é a força para estar aqui. O ambiente familiar, além dos amigos que eu criei, ajuda”.

Para a técnica de análises clínicas, a integração ao mundo do trabalho sempre foi fundamental para se sentir em casa – na medida do possível – na cidade. Hoje, Dona Ana engrossa o grupo de profissionais da saúde, uma categoria muito valorizada na Alemanha. Há 18 anos, ela trabalha no requisitado laboratório IFLB, em Charlottenburg.

A guineense reconhece que as quase duas décadas e meia de vida no novo país moldaram seu jeito de ser:

- Uma coisa que eu acho muito interessante da minha vivência na Alemanha é a mistura da minha cultura, a cultura africana e portuguesa, que sempre está integrada a

nós, e a alemã. Aqui, eles são práticos e não perdem tempo com pormenores. Essa mistura, em mim, fez-me hoje ser uma mulher mais solta, mais liberta e mais determinada.



Dona Ana, ao lado do marido, Nhomba, e as filhas, Luana Patrícia e Désirée (Fotos: Enio Moraes Júnior / arquivo pessoal).

Bissau inesquecível

Nos anos 80, ao trocar a Guiné-Bissau pela Europa, Dona Ana se afastava fisicamente não apenas da sua terra, como também dos pais e dos irmãos. Entretanto, sua conexão com as raízes permanecia intacta. “Eu sou muito família, acho que sou aquela que aproxima todo mundo”.

- Meus pais já faleceram e praticamente todos os irmãos estão espalhados pelo mundo. A mais velha esteve muito tempo fora, viveu em Nova Iorque, e agora está em Portugal. A seguir sou eu, a segunda. A terceira, faleceu. O quarto é meu irmão, que está em Angola. Depois, tem um que vive na Guiné e trabalha na área de música. E tem uma, a mais nova, que está na Suíça.

As visitas ao continente africano e à Guiné-Bissau lhe permitem regar com a água do afeto a árvore familiar cujos galhos insistem em crescer e se espalhar.

- Em junho passado, casou-se uma sobrinha, filha de minha falecida irmã. Como naquele preciso momento não havia nenhum familiar por lá – porque o meu irmão que vive em Bissau estava em Portugal – deram-me apoio para eu ir ao casamento.

Claudia Cristina, a sobrinha em questão, é mãe da pequena Ayanna, de quase um ano de idade. A jovem vive em Bissau e trabalha no Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas. “Tê-la no meu casamento era o que eu mais queria. Foi uma surpresa linda”.

A sobrinha não esconde o carinho especial que nutre pela tia:

- Temos uma relação muito forte, mais do que tia e sobrinha. Ela esteve presente no meu parto e me amparou como uma mãe. Não tenho palavras para agradecer o carinho e a atenção que tem comigo e com a minha filha, que ela ama de paixão. Ela é uma mãe para mim e uma avó “babada” para a minha filha.

Em Dona Ana, aliás, a ligação com a terra natal e com a família se percebe em todos os ângulos por onde se olhe. É como contemplar o céu estando sob a copa de uma árvore: os galhos são vistos de qualquer jeito!

- O meu sonho é voltar para a minha terra. Eu quero ir e fazer qualquer coisa por meu país. Quero dar uma contribuição, ajudar, diz, reconhecendo que a Guiné-Bissau vive um clima de conflitos e incertezas.

28

A doce Dona Ana é uma mulher politizada. Apesar de viver em Berlim, ela participa de grupos que discutem a política guineense e integra o Miguilan - Minjderis di Guiné No Lanta (Mulheres da Guiné-Bissau, levantemo-nos). A organização tem como objetivo lutar contra a instabilidade política e a pobreza na Guiné-Bissau.

Certamente, é a ligação com as origens que, mais uma vez, faz com que Dona Ana tenha um carinho especial pela Comunidade Católica de Katharinenstift. É onde ela rega suas raízes, encontra pessoas que falam a sua língua e que, mesmo distantes de sua terra, tentam se sentir em casa. Ali, como na vida em família, Dona Ana pode ser Eta.

Publicado originalmente em 16 de outubro de 2018.

Leia, em português, no site [Berlinda](#).

Instantâneos de Ismael Miquidade

Falante e de bem com a vida, o fotógrafo moçambicano mora há nove anos na Alemanha. “Se calhar, um país muito justo”

Texto e fotos: Enio Moraes Júnior



No pátio de uma escola em Moçambique, oito ou nove meninos sorriem, parecendo estar bem à vontade diante de quem os fotografa. Este instantâneo de descontração bem poderia ser um autorretrato de Ismael Miquidade. No entanto, ele é o sujeito que está do outro lado, que dispara o botão da câmera e registra a imagem.

29

Fotógrafo por paixão e por convicção, Ismael tem um reconhecido trabalho iconográfico em Moçambique, onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida, e na Alemanha, onde mora há nove anos. Em uma tarde ensolarada de quinta-feira, nos encontramos nas proximidades da estação Frankfurter Allee, em Berlim, cidade onde mora há três anos.

“Então, meu camarada, vamos tomar uma cerveja e conversar?”, propôs, assim que chegamos a um imbiss, um típico bar e restaurante alemão. Não foi uma nem foram duas cervejas. Foram quatro rodadas de Berliner e quase duas horas de conversa.

Nascido em Xai-Xai, ao sul de Moçambique, Ismael viveu também em outras regiões do país. Mas foi em Maputo, a capital, que fez sua formação. Primeiro, em fotografia, na Escola Nacional de Fotografia. Depois, em relações internacionais, no Instituto Superior de Relações Internacionais.

A partir de 2007, vieram recomeços e muita história para contar. Apesar da distância, a família Miquidade é seu porto seguro. Aos 33 anos, ele está solteiro – “mas já fui casado” – adverte. Não tem filhos – “mas sou um bom tio” – garante, em meio a uma generosa gargalhada, referindo-se a Lunara, de quase 5 meses, e Zuber, de 11 anos, filhos do seu único irmão, Arfe.

“Apesar de estar longe de casa, o Ismael não perdeu as nossas raízes; é um autêntico moçambicano da gema por dentro e por fora”, reconhece a prima Gisela da Costa, que vive em Moçambique, onde moram também Aquissuassue e Catija, o pai e a mãe de Ismael.

“Meu pai tem sete irmãos e minha mãe, nove”, diz o fotógrafo, ressaltando que os Miquidade, além de serem uma família grande, são unidos e afetuosos. Mas ele parecia estar em casa também naquele imbiç em Lichtenberg, região central de Berlim. Cumprimentando um ou outro garçom e um ou outro conhecido que passava na rua, seus gestos revelavam um homem cheio de empatia e cordialidade.

Momento decisivo

“Na fotografia, existe um tipo de plasticidade, produto das linhas instantâneas tecidas pelo movimento do objeto. O fotógrafo trabalha em unísono com o movimento, como se este fosse o desdobramento natural da forma, como a vida se revela”, afirmou Henri Cartier-Bresson. A constatação, feita em meados do século passado, tornou-se um clássico e imortalizou o francês na história da fotografia.

Entretanto, Ismael reconhece que não é a preocupação com o que Cartier-Bresson conceituou como ‘momento decisivo’ que determina seu trabalho fotográfico. ‘Decisivo’, para ele, é experimentar. Prova disso é que as fotos entraram na sua vida por acaso. Nas festas e nas reuniões em família, Ismael era o menino com a câmera nas mãos brincando de registrar a vida em família, as pessoas, os instantes.

Com a curiosidade e a formação, vieram as imagens profissionais e as exposições. Em 2011, Ismael recebeu da Accademia Apulia, no Reino Unido, o Certificate of Commendation do Photography Award.

Em 2016, participou da Kunst am Spreekniefest: Art Festival e da Richtung Karlshorst, ambas em Berlim. Além disso, ele tem levado imagens de Moçambique para cidades com Turim, Aachen, Londres e Budapeste.

Enquanto crescia, o menino com a câmera nas mãos tornava-se um adolescente interessado em falar diferentes idiomas. O português é a língua materna. Na escola, vieram o francês e o inglês. Depois, o espanhol, com o gosto pela música cubana. Em seguida, por causa de trabalho e do interesse pelas canções de Fabrizio De André, o italiano. Finalmente, o alemão. “Porque eu moro aqui e tinha que ser, não é?” (risos). “Estou a aprender grego”, acrescenta.

Um pouco depois – ou, quem sabe, tudo ao mesmo tempo – a fotografia e os idiomas começaram a plasmar o interesse de Ismael pelas pessoas. Não é por acaso que, desde 2015, ele trabalha na Deutsches Rotes Kreuz (DRK), a Cruz Vermelha da Alemanha. “Inicialmente, eu estava ligado ao setor de acolhimento. Hoje, estou na administração”.

Foi na lida com refugiados que Ismael mais teve oportunidade de acolher pessoas, algo que não exige muito de quem tem empatia de sobra. Ali, ele desenvolveu a tarefa que considera uma das mais significativas da sua vida profissional, unindo sua paixão pela fotografia, pelos idiomas e por gente.

- Havia refugiados da Síria, do Afeganistão, do Iraque e até imigrantes vindos do Vietnã. Saímos para visitar e fotografar Berlim e depois fizemos uma exposição. Acho que foi um trabalho muito bonito, conta Ismael sobre a experiência realizada em 2016.

Talvez ele reconheça que registrar a cidade em fotos seja uma forma de se adaptar e de sobreviver à nova terra. Talvez ele tenha ensinado aos seus alunos o que já deve ter descoberto: cada um, do seu modo, faz de cada ‘instantâneo’ uma oração para que a nova casa lhe seja acolhedora e generosa.



Karneval der Kultur (2017) e autorretrato, refletido no vidro do trem, em Warschauer Straße, em Berlim (2018). Fotos: Ismael Miquidade

Intensidade

A vida de Ismael na Alemanha começou em Colônia e teve uma breve passagem por Ulm. Nos primeiros tempos vivendo no país, ele fez amizade com a médica grega Olga Ntasi, que atualmente também mora em Berlim. Os dois permanecem amigos até hoje.

Para ela, Ismael é um exemplo do que os países africanos e europeus podem unir:

- Ele vive entre esses dois mundos, tendo saudades de seu país, da sua cultura e nunca esquecendo de onde vem. Mas também não lhe falta nada do que a Alemanha e Berlim têm para oferecer, diz Olga.

Ela destaca que o amigo é um sujeito sempre aberto a novas experiências, especialmente quando se trata de interagir com outras culturas. “Ele tem a cabeça e o coração muito intensos, o que o torna realmente otimista, aberto e muito generoso”.

Mas Ismael deixou saudades na terra natal. “É difícil no início, mas com o passar do tempo a gente se acostuma à distância”, diz a prima Gisela sobre a forma com a família lida com os forasteiros que vivem fora de Moçambique.

Embora reconheça que falar a língua alemã é um passo fundamental para sentir-se inteiro na nova casa, a Alemanha, Ismael diz que sempre esteve confortável em terras germânicas. “Se calhar, este é um país onde se pode ser livre. Onde se tem liberdade religiosa, de orientação sexual”.

Talvez seja exatamente por isso que o Karneval der Kultur, festa que acontece em Berlim todo mês de maio e congrega as nacionalidades que vivem na capital, seja o evento que ele mais admira e gosta de frequentar. Berlinenses de nascimento ou de coração sabem que conviver com diferentes culturas é a melhor forma de aproveitar a cidade. E Ismael, certamente, é mais um cidadão do mundo que se perde, se encontra e se reinventa em meio a este cosmopolitismo.

- A Alemanha é, se calhar, um país muito justo. Berlim tem alguns problemas, como a dificuldade de se encontrar emprego e, principalmente, lugar para morar. Mas quando se trabalha para isso, se leva isso a sério, tudo acontece, diz Ismael.

O fotógrafo moçambicano é um homem que conseguiu. Para ele, as coisas aconteceram e continuam a acontecer. É daqueles seres humanos que sabem que aquilo que dá sentido à vida é estar na companhia de outras pessoas. Daquele tipo de gente cujo coração está em constante festa.

Quem conhece Ismael sabe disso. “Esta cerveja é da nossa terra, Moçambique, e o Ismael adora”, escreveu a prima Gisela, referindo-se a uma foto, enviada pelo WhatsApp, da cerveja Laurentina. “Ele é apaixonado por boa comida, música e dança, especialmente kizomba ou qualquer outra que inclua contato corporal”, reconhece a amiga Olga.

Ismael se despediu de alguns garçons do imbiss. Nos despedimos também e fomos cada um para um lado da rua Rigaer Straße, mas tive a sensação de que aquela conversa não tinha acabado. Lembrei da foto dos oito ou nove meninos no pátio da escola, em Moçambique. Assim como as crianças, o falante Ismael é um sujeito de bem com a vida. Gente que é sempre bom encontrar e conversar, seja nas ruas de Berlim ou em qualquer parte do mundo.

Publicado originalmente em 16 de agosto de 2018.

Leia, em português, no site [Berlinda](#).

Luís Pedro e um mundo para conhecer

Vivendo em Berlim há cinco anos, o engenheiro português é encantado com a diversidade humana e cultural da cidade. Entretanto, não abre mão de viajar e colecionar histórias para contar

Texto e fotos: Enio Moraes Júnior



“Levanto as mãos e o vento levanta-se nelas”. Ao citar esta passagem de um poema, o português Luís Pedro Vitorino Gomes trazia à tona sua personalidade, seu jeito de ser e revelava os seus maiores sonhos. Neste momento, um abajur iluminava-lhe uma mão, que se movia ao vento. A outra, deslizando entre a testa e o alto da cabeça, ajudava-o a refletir sobre o presente, a lembrar-se do passado e a pensar no futuro.

- Posso conversar contigo em português de Portugal, consegues entender?

Luís Pedro tinha pelo menos seis razões para perguntar sobre o idioma mais adequado para aquela conversa. Ele já viveu no Brasil, onde fez parte dos seus estudos de mestrado. Portanto, além da estrutura europeia da língua portuguesa, comunica-se com facilidade na variante brasileira. Casado com uma cubana, expressa-se também em espanhol. Além disso, estudou inglês e francês e fala os dois idiomas. Como mora na Alemanha desde 2013, domina também o alemão.

Misturando as duas variantes do português, conversamos e comemos pastéis de nata em uma cafeteria no bairro de Friedrichshain. Ele nasceu em Porto de Mós, uma vila

na zona litoral de Portugal, que hoje tem cerca de 25 mil habitantes. Um lugar bucólico, com casas cercadas por uma frondosa vegetação e com imponentes construções medievais, de onde muita gente nem pensaria em partir. Mas Luís Pedro levantou as mãos ao vento e ganhou o mundo. Partiu.

Aos 18 anos, foi estudar engenharia mecânica na Universidade de Coimbra. Durante o mestrado, fez intercâmbio na Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, no Brasil. Voltou para Portugal, mas a ideia de ficar não conseguiu segurá-lo. Levado por estudos, oportunidades de trabalho ou desafios, antes de viver em Berlim, morou em Chemnitz, no sudeste na Alemanha, no País de Gales, na Finlândia e na Turquia.

O espírito inquieto de viajante também o levou à Rússia, à Dinamarca, à Espanha, à Itália, à Grécia, à Holanda, a Cuba. E por aí vai. “Também fiz muitas viagens à boleia, de carona. Por exemplo, fui visitar um amigo em Cracóvia, na Polônia, depois fui visitar uma amiga em Munique e depois fui para Estrasburgo”.

Há cinco anos, Luís Pedro fez de Berlim seu lugar de pouso e gosta de frequentar as ruas de Friedrichshain, o bairro onde mora. Mas foi nas andanças pelo mundo que descobriu que o segredo da vida está em coisas simples, como encontrar pessoas, fazer amigos e colecionar boas histórias. É exatamente isso que também o atrai na capital alemã: a possibilidade de convivência com gente de diferentes culturas e lugares.

- Aqui, se calhar, há mais espaço para uma justiça entre todos, diz Luís Pedro, realçando seu encanto com a diversidade humana e com as formas de ativismo social que fazem parte da rotina da cidade.

Cabeça e coração

Em Berlim, ele está à procura de trabalho. Entre uma e outra entrevista de emprego na sua área, o engenheiro frequenta as aulas de maracatu no grupo Afojubá e se dedica a atividades culturais. “Agora mesmo, estou a organizar uma oficina de bateria de baldes para crianças”, diz orgulhoso. Mas ele reconhece que aprender e dominar a língua alemã foi o que lhe abriu definitivamente as portas para a vida na cidade.

- Eu estudei alemão durante um ano e meio ou dois anos. Era como uma pós-graduação, que aqui se chama Weiterbildung. Durante este curso, fiz um estágio em uma organização de refugiados, a KuB, Kontakt und Beratungsstelle für Flüchtlinge und Migrant_innen, e depois em um restaurante vegetariano, em Kreuzberg.

Luís Pedro também se dedica à escrita. O livro infantil Conto de Iemanjá, uma adaptação feita em parceria com a amiga italiana Marta di Ronco, acaba de ser lançado em Berlim. Certamente, muito desta obra foi plasmado na sua convivência com a cultura afro-brasileira. “Quero muito continuar a escrever”, afirma.

Além da vibrante cena cultural berlinense, outro ponto também o deixa ligado à cidade, se não pela cabeça, pelo coração: a vida ao lado da esposa. O casal se conheceu em 2014, em uma festa de forró, uma dança cheia de sensualidade. “Eu estava à procura de um plano para me apaixonar”, confessa o engenheiro sobre o encontro com Ana Laura Miranda Gutierrez, uma cubana que, naquele momento, estava em Berlim como turista.

“O Luís achou que eu dançava muito bem e me pediu para dançar com ele. A gente dançou, riu e bateu papo durante várias horas até irmos juntos para a casa dele. No dia seguinte, ele disse que, se eu quisesse, a gente poderia casar e talvez pudéssemos ser felizes juntos”, relata Ana Laura. Casaram. E buscam, todos os dias, consolidar a promessa de felicidade.

Ana Laura diz que uma das características que mais admira no marido é o poder de adaptação aos lugares, às situações, e sua capacidade de conviver com as pessoas.

- Ele nunca seria um típico estrangeiro em nenhum lugar porque ele é uma pessoa muito fora da norma. Às vezes, eu brinco dizendo que ele, como Fernando Pessoa, também tem os seus heterônimos e não dá para saber como será um dia com ele.

Em seus projetos de viajar, Luís Pedro conta com a parceria da esposa. “Gostamos de fazer viagens ficando em casa de pessoas e sem luxos, sem planos nem percursos organizados. Só uma coisa não pode faltar: a comida. Se o Luís não come, fica de mau feitio”, fala Ana Laura.

Aos 32 anos, o engenheiro faz parte de uma geração de portugueses que levantou as mãos ao vento e ganhou o mundo. Ele é crítico em relação ao seu país, que reconhece

como uma terra que ainda dá poucas oportunidades, mas permanece ligado aos amigos que fez em Portugal. Aliás, enfatiza a importância das origens, da família e das amizades que conquistou em várias partes do mundo. “Depois daqui, por exemplo, vou a um concerto com um amigo que morou comigo em Coimbra”.



Com amigos no Brasil (esq.), na Finlândia (centro) e com a esposa Ana Laura, refletidos em um vidro, em Berlim. Fotos: Arquivo Pessoal / Luís Pedro Vitorino Gomes

Futuro e Helder

Como o pai, António Gomes, mora no Brasil, o contato familiar de Luís Pedro é mesmo com a irmã, os sobrinhos e a mãe, Maria Adélia, que vivem em Portugal. Mas saudades não o atormentam. Praticamente sem custo e com ares de aventura, ele já conseguiu transformar o seu prazer de viajar em pretexto para uma visita ao país natal. “Uma vez, consegui carona com um camionista português e ele levou-me até Portugal. Fiz dois mil quilômetros com o gajo durante três dias. Essa foi uma cena que eu queria muito fazer de novo”.

- Sentimos a falta do Luís Pedro mais perto de nós. Contudo, também sabemos que ele é um rapaz do mundo, que adora conhecer o estrangeiro, e tivemos que nos acostumar à sua ausência física, fala a irmã Cátia Gomes, que vive em Montijo, em Portugal, e é mãe de Pedro, de 5 anos, e de Sofia, de 3.

Acostumada à falta do irmão, ela diz que as redes sociais minimizam a distância, mas reconhece que as crianças nem sempre lidam da mesma forma com a ausência das pessoas que fazem parte de suas vidas:

- A Sofia, por vezes, pega num telemóvel e diz que está a falar com os tios. Se está a ver alguma coisa na televisão e alguém fala em um ‘tio Luís’ – e isto já aconteceu – a Sofia diz logo: ‘Também tenho um tio Luís’.

Futuro? Luís Pedro apruma-se na cadeira onde está sentado, estica a coluna e volta a relaxar o corpo. Ele sabe que seu estilo de vida implica renúncias. Neste momento, um abajur ilumina-lhe uma mão, que se move ao vento. A outra, deslizando entre a testa e o alto da cabeça, ajuda-o a argumentar que faz planos a curto prazo... Assume que quer ter filhos e um trabalho que possa garantir segurança para realizar seus sonhos. E sonha com o mundo:

- O que eu mais quero na vida é viajar. Gosto muito do poeta português Herberto Helder. Ele tem uma poesia muito dura, muito convulsa, muito rochosa: ‘Levanto as mãos e o vento levanta-se nelas’, fala, remetendo à obra de um dos grandes nomes da poesia lusitana, falecido em 2015.

Assim como Luís Pedro, Helder estudou na Universidade de Coimbra, onde cursou letras. Diz-se que o poeta também adorava viajar, conhecer o mundo e se adaptava facilmente aos lugares e às pessoas. Helder também amava a liberdade, exaltava as descobertas e tinha consciência de que suas escolhas implicavam alguma renúncia.

LEVANTO as mãos e o vento levanta-se nelas.

Rosas ascendem do coração trançado
das madeiras.

As caudas dos pavões como uma obra astronómica.

E o quarto alagado pelos espelhos
dentro. Ou um espaço cereal que se exalta.

Escondo a cara. A voz fica cheia de artérias.

E eu levanto as mãos defendendo a leveza do talento
contra o terror que o arrebatava. Os olhos contra
as artes do fogo.

Defendendo a minha morte contra o êxtase das imagens.

Despedimo-nos. Luís Pedro pegou a bicicleta e saiu pedalando sem pressa, com a simplicidade e a liberdade de quem tem um mundo para conhecer e muitas histórias para colecionar. Entre uma pedalada e outra, bastava levantar as mãos e o vento levantar-se-ia nelas.

Publicado originalmente em 17 de junho de 2018.

Leia, em português, no site [Berlinda](#).

Manuela Sambo e as mulheres em suas telas

Artista plástica angolana fala sobre a vida em Berlim e conta como seu ofício a ajudou a consolidar sua identidade africana na Alemanha. À dir., J.A.D, uma de suas obras

Texto e fotos: Enio Moraes Júnior



40

Mulheres azuis, amarelas. Coloridas. Mulheres despidas, enfeitadas. Marcadas. Algumas sozinhas, outras em companhia de homens, crianças, animais ou de outras mulheres. O que mais chama atenção na obra da artista plástica Manuela Sambo são as figuras femininas povoam suas telas. Ela reconhece que este é um tema sempre pertinente, mas que tem ganho novo fôlego.

- A temática feminina está a tornar-se, outra vez, global. Até os anos 2000, a posição da mulher estava mais do que esclarecida, mas ela renasceu agora com estas mudanças todas, com a imigração de pessoas que vêm de países em que a posição da mulher na sociedade é completamente diferente, onde ela praticamente não tem direitos.

O ateliê de Manuela fica em Wedding, um dos bairros mais multiculturais de Berlim, onde alemães e imigrantes compartilham os corredores dos edifícios, as calçadas das ruas, o cotidiano. No segundo andar de um velho prédio de fachada cor de rosa, com

marcas de pichação, misturam-se telas, tintas, pincéis e cavaletes. É ali que a artista dá vida ao seu universo de imagens. Foi ali que conversamos.

- Este é o meu estúdio. Meu e do meu marido, que também é artista. Aquela é a sala onde ele trabalha. Aqui é onde eu trabalho, disse, com ar sorridente e acolhedor, naquela tarde de começo de primavera.

Manuela Sambo nasceu em Luanda, capital de Angola, em 1964. A mãe, Clotilde de Ascensão Dias, uma mulher branca, portuguesa, deixou o país natal com 20 anos de idade para viver com José Ambrósio Sambo, um negro angolano duas décadas mais velho. Naquela época, ele já tinha oito filhos. Com a esposa portuguesa, vieram mais três. Entre eles, Manuela.

Quando os pais morreram, a artista ainda era criança, mas as histórias sobre a vida do casal, contadas por tios e irmãos mais velhos, povoam a sua memória. “Eles eram muito felizes. Nós temos filmagens daquela altura, onde se vê uma família grande e muito gira”.

Manuela talvez tenha aprendido com pai o gosto pela expressão artística. “Ele era ervanário, mas tinha muita arte africana em casa e por todo lado. Ele sempre chamou muita atenção para esse tipo de coisa”. Da mãe, provavelmente herdou o gosto pelas grandes mudanças.

41

A jovem Manuela tinha a mesma idade de Clotilde quando repetiu, no sentido inverso, a peripécia materna, trocando a África pela Europa. Chegou à Alemanha em 1984, onde estudou Língua e Literatura Alemã, custeada por uma bolsa do governo de Angola.

Em uma festa de carnaval em Dresden, conheceu e apaixonou-se por um alemão, o artista plástico Daniel Sambo-Richter. Junto com ele, Manuela mudou-se para Leipzig e em seguida para Cottbus. Neste tempo, começou uma bem-sucedida carreira no mesmo ofício do companheiro. “O meu marido, é o que eu digo sempre, foi o meu professor de arte”.

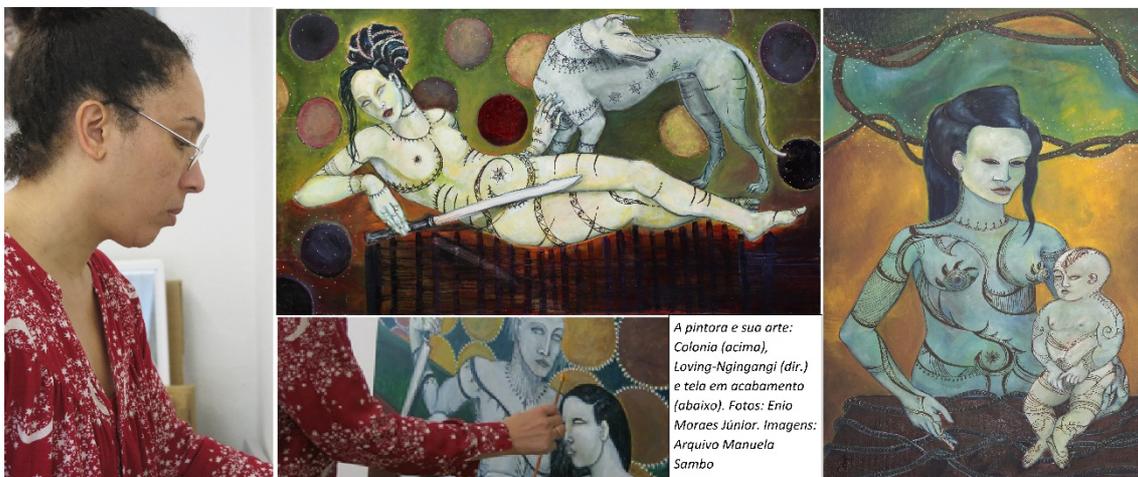
Daniel avalia que Manuela sempre foi uma observadora atenta da arte e que vem daí a base do seu aprendizado. O artista reconhece que, na verdade, a convivência com a

companheira representa, para ele, a possibilidade de enriquecer sua formação europeia, sobretudo alemã, com aspectos da cultura angolana. “Por exemplo, em termos de interação social, da importância da família, da empatia com outros seres humanos, da autoimagem e da autoexpressão”.

Junto há 33 anos, o casal compartilha mais do que o ateliê e o sobrenome Sambo. Eles têm uma filha nascida na Alemanha, Naomia Sisoli, uma biotecnóloga de 26 anos. “E já sou avó de um pequenino que se chama Heiner... Heiner Sambo Mischon”, acrescenta Manuela, com uma gargalhada estonteante. Ao falar do neto, a satisfação da artista que gera personagens nas telas iguala-se ao entusiasmo das mulheres que geram gente, que geram gerações.

Cottbus, começo dos anos 90. O casal de pintores, com a recém-nascida Naomia Sisoli nos braços, decide que a Alemanha é o país onde quer morar. “Precisávamos tomar uma decisão porque já éramos uma pequena família, já tínhamos uma filha pequenina”, diz Manuela.

A família poderia viver em Angola, terra de origem da artista, ou em Portugal, onde ela tem laços maternos. Mas a decisão foi pela Alemanha. “Naquela altura, tinha acabado de suceder a queda do Muro. Depois, todo o processo de Unificação, e não se sabia onde isto ia dar. O meu marido estava curioso – e eu também – e queria ver para onde ia o país. Resolvemos ficar”. Ficaram. Em 2000, a família se instalou definitivamente em Berlim.



A pintora e sua arte:
Colonia (acima),
Loving-Ngingangi (dir.)
e tela em acabamento
(abaixo). Fotos: Enio
Moraes Júnior. Imagens:
Arquivo Manuela
Sambo

Mulheres nas telas

Mulheres sentadas, deitadas. Amadas. Mulheres aladas, atadas. Armadas. Os olhos miúdos de Manuela ganham a expressão enigmática das suas figuras quando ela se posiciona sobre a dimensão política de sua arte. Ela confessa que as imagens que pinta são inspiradas na força da mulher africana.

- Este é o aspecto essencial do meu trabalho. Tem muito a ver com o fato de eu ser mulher africana, mulher angolana, mulher de uma determinada família, mulher de uma determinada sociedade, com uma determinada história.

A artista observa que os ídolos da mulher africana e da mulher europeia são diametralmente diferentes.

- Nas imagens e nas estatuetas africanas, que toda gente conhece, há sempre uma mulher forte, segura de si, com todos os direitos. Na arte europeia, a mulher é pecadora ou simplesmente não se encontra presente. Mesmo nos registros muito antigos, como nos romanos, a não ser que a mulher tivesse uma posição social muito importante, como rainha, teria, na arte, outra representação.

43

Manuela orgulha-se de ter a temática da mulher associada à sua obra, mas critica as associações que, vez por outra, são feitas entre a sua produção e o Cubismo europeu. Ela insiste que a base do seu trabalho está na arte africana.

- Isto é um grande problema do eurocentrismo. Eu não posso dizer que estou influenciada pelo Cubismo europeu. Se estou influenciada por um Cubismo, será o Cubismo africano, diz, reconhecendo que na África estão os alicerces do estilo imortalizado na obra de Pablo Picasso.

No início da vida na Alemanha, Manuela encontrou na arte um caminho para acalmar as saudades de sua terra e, ao mesmo tempo, para reconhecer-se fora dela. “Eu queria muito voltar para Angola, estava com muita saudade. Quando eu comecei a trabalhar na arte, foi uma forma de reencontrar a minha posição, como angolana, na Alemanha, porque foi muito difícil a adaptação. E eu descobri que pintar, de fato, era uma maneira de estar em casa”.

As artes e os ofícios, sem dúvida, preenchem vazios na vida de quem, ao ser de um lugar, está em outro. Escrevem no idioma nativo aqueles que sabem escrever. Dançam ou cantam os ritmos de sua terra aqueles que sabem dançar ou cantar. No caso de Manuela, pincéis e tintas insistem em dar cores e contornos à sua história.

- A pintura, de fato, é sempre uma imersão no meu próprio universo. É uma forma de ligação, uma maneira de me sentir bem. Logicamente que, em meu trabalho artístico, as coisas mais diversas que têm a ver com a minha origem sempre encontram a sua expressão, de uma forma ou de outra.

Examinando de perto sua obra, suspeita-se que todas as mulheres, cujos rostos carregam o ar de mistério das máscaras africanas, são uma só. São Manuela e a expressão de suas faces. Mas ela desconversa. “São sempre a mesma. Certamente que são facetas minhas, mas não só. Mas são sempre a mesma mulher”.

A artista pinta e, enquanto seus movimentos transportam a tinta para as telas, surge um discurso de empoderamento feminino. “É por isso que, às vezes, eu desenho a mulher com uma faca”. Curioso é que esta faca, em alguns momentos, parece estar também em suas mãos, em forma de pincel.

Saudade e sossego

Traduzir: associar, interpretar, reconhecer. Além do consolidado trabalho como artista plástica, Manuela atua como tradutora juramentada. Provavelmente, a única de origem angolana que faz isso em terras germânicas. Neste ofício, é a língua portuguesa que a deixa ligada, novamente, às suas origens.

- Eu vou quase todos os anos a Angola, no mínimo uma vez, para visitar minha família. Às vezes, vou também como tradutora ou para fazer exposições. Esse contato com Angola e também com Portugal, onde também tenho família, é sempre muito importante.

Para os parentes próximos, Manuela é Nelinha. O advogado José Ambrósio Eduardo Sambo, que vive em Luanda, fala sobre a artista com o zelo de um irmão oito anos mais velho: “Nelinha é uma irmã muito querida, muito estimada e extremamente admirada no seio da nossa família”. E continua:

- Ela representa uma dualidade muito perfeita. Ela consegue manter bem vivos os traços característicos de uma angolana culturalmente inserida e socialmente vinculada, não obstante, tenha ficado enriquecida pelos elementos e valores culturais germânicos absorvidos nos mais de 30 anos na Alemanha.

A dualidade que faz o irmão orgulhar-se de Nelinha deixa também seu coração dividido. “Uma pessoa com este perfil faz muita falta à família”. Saudade. “Esse sentimento, só se consegue atenuar porque ela nos visita e nós a visitamos. Embora separados geograficamente, somos uma família unida”. Sossego.

Hoje, 18 anos depois de mudar para a capital alemã, Manuela diz sentir-se berlinense. Mas é, sobretudo, a voz da cidadã politizada e atuante, marcada por pausas e serenidade, que se ouve neste momento.

- O sentimento de ser berlinense é o sentimento de que a cidade me pertence, de que eu tomo parte, ativa e passivamente, no que sucede com esta cidade em todos os assuntos, seja de caráter político, cultural, social. Tudo me toca bastante.

Manuela avalia que o fato de ter ficado na Alemanha foi mera coincidência, precipitada pelo fato de ter conhecido seu marido. “Ou eu teria regressado para Angola, como fizeram todos os meus colegas que estudaram comigo”. E se o destino e o carnaval de Dresden não tivessem colocado Daniel em seu caminho?

- Se eu tivesse regressado para Angola, certamente, eu teria feito menos no sentido artístico e mais no aspecto político ou econômico. Teria sido totalmente diferente, uma vez que Angola é um país que precisava – e continua a precisar – de quadros formados. E esta é a razão por que o governo nos enviou para cá.

Embora envolvida com Berlim, apesar de ter um marido, uma filha e um neto com cidadania alemã, ter este título nunca esteve nos seus planos.

- Eu sei que não sou e nunca vou ser alemã. Eu sou angolana e portuguesa. Acabou-se. Por isso, eu nunca quis a nacionalidade alemã.

A verdade é que Manuela transporta para as suas telas o orgulho das suas origens, de pertencer à família Sambo e de ter nascido em Angola. Clotilde e José Ambrósio não

poderiam imaginar o quanto a filha, que tão pouco conviveu com eles, tanto deles carregaria na vida e na arte.

Manuela despediu-se com um abraço e um sorriso generosos. Ao sair do velho prédio, em Wedding, olhei para uma pequena praça ao lado. Mulheres. Algumas sozinhas, outras em companhia de homens, de crianças, de animais ou de outras mulheres. Tentei imaginar de que forma Manuela as pintaria, com seus pincéis inundados de tinta e do sentimento de ser mulher. De ser africana.

Publicado originalmente em 14 de maio de 2018.

Leia no site Berlinda, [em português](#), ou com tradução de Alexander Pribb, [em alemão](#).

Aloísio Avaz em movimento

Coreógrafo e educador brasileiro fala sobre sua experiência de vida em Berlim, enfrentando as voltas e as reviravoltas de morar fora do seu país de origem

Texto e fotos: Enio Moraes Júnior



Braços para cima, para o lado, para baixo. Coreografia. A vida é feita de movimento. Por isso, ela é cheia de voltas e reviravoltas. Com Aloísio Avaz, um brasileiro que vive em Berlim há 24 anos, não poderia ser de outro modo, especialmente levando-se em conta o seu ofício: coreógrafo e professor de dança e expressão corporal.

47

Olhar sereno, porte elegante e gestos de uma suavidade tão displicente que é como se ensaiasse um balé. Naquele dia gelado do comecinho de março, ele me recebeu em seu apartamento, em Treptow, uma das regiões mais bucólicas e verdes de Berlim. Bem agasalhado, com um lenço cinza enrolado no pescoço, preocupou-se:

- O dia está muito frio. Entre que vou te fazer um chá.

Em poucos segundos, veio com um chá quente, cujo aroma eu logo identifiquei: canela. Começamos a conversar. Aloísio nasceu em meados dos anos 60, em Paraíso do Norte, uma cidadezinha do Paraná que tem hoje cerca de 12 mil habitantes. Dois anos depois, seus pais, José e Nadir, juntaram os quatro filhos e se mudaram para São Paulo, a metrópole brasileira.

Na capital paulista, aos 10 anos de idade, um episódio mudaria a sua vida. Ele caiu de uma laje de cinco metros de altura. O acidente deixou sequelas em seu braço esquerdo, que ficou com os movimentos limitados. A discreta imperfeição física o fez observar com maior atenção o corpo, os corpos. Daí para apaixonar-se pela expressão corporal e pela dança foi apenas um salto.

Tentou ser bancário, mas a atração pela dança contemporânea acenou mais forte. “Faça o que quiser, mas assuma as consequências das suas escolhas”, advertiu a mãe, Nadir. Ele entendeu o conselho e resolveu mover-se no que queria. Passos para lá, passos para cá, aos 28 anos, as circunstâncias lhe mudaram a vida e ele trocou São Paulo por Berlim.

Ao longo deste tempo de vida na Europa, de 1994 a 2018, a cena inesquecível na cabeça de Aloísio aconteceu em algum momento de junho de 2008. Naquele dia, ele recebeu o título de cidadão alemão, a sua Einbürgerung.

- Depois alguns anos, eu recebi a cidadania alemã. Foi na Prefeitura de um bairro de Berlim, Neukölln. Havia pessoas de várias nacionalidades e, cada vez que a pessoa recebia a cidadania, era cumprimentada pelo prefeito. Havia foto e uma banda, que tocava o hino nacional de cada país. Esse foi um acolhimento bastante importante para mim, como indivíduo e como cidadão. Me senti oficialmente acolhido por esta comunidade... Eu andava na rua e me sentia diferente. Eu me sentia um pouco mais parte desta comunidade!

Passada uma década deste episódio, ele diz que continua sendo impossível esquecer que é brasileiro, mas admite que gosta muito de viver na Alemanha e tem fortes laços com o país. A decoração da sala de seu apartamento não deixa dúvidas em relação a isso. O espaço mistura referências europeias, como as poltronas e almofadas da Ikea, e brasileiras, como as negras-malucas feitas de barro.

Aloísio avalia que ter uma carreira e ter uma história em Berlim são conquistas de mais de 20 anos. Entretanto, reconhece que a vida nunca foi fácil na cidade e, embora se sinta seguro em muitos aspectos, é crítico e receoso em relação outros.

Vida e trabalho

França, Suécia, Suíça, Portugal, Alemanha. A formação em cursos técnicos de dança contemporânea feita em São Paulo lhe abriu as portas para o mundo. As águas do Oceano Atlântico que separam a América Latina da Europa tornaram-se muito pouco e foram atravessadas por um passo, por um salto coreografado.

- Quando eu cheguei, em 1994, vim como dançarino por consequência de uma audição que fiz em São Paulo para o coreógrafo português João Fiadeiro. Ele estava no Brasil fazendo audições para uma produção alemã.

Hoje, Aloísio avalia que a adaptação na Alemanha é um processo que não tem fim. Para ele, um típico moreno brasileiro, de sorriso suave e, às vezes, tímido, esta é uma luta permanente para o estrangeiro que decide morar em outro país.

- Não foi; não é fácil. Na verdade, existem várias facetas, vários obstáculos que você tem que atravessar para se sentir parte desta comunidade. É uma cultura muito diferente da brasileira. Por um lado, é muito estruturada. Eu gosto desta clareza, da forma como funciona a cidade. Por outro, para viver na cidade, você precisa falar a língua, entender o que é essa cultura. Às vezes, os alemães têm um tom que, se você não sabe o que eles estão falando, pode interpretar de outra forma e gerar um mal-entendido.

49

Mas certamente não foram mal-entendidos que aproximaram Aloísio de Hojo Plies, um alemão natural de Kiel, que ele conheceu em Berlim após cinco anos morando na cidade. Os dois construíram uma relação que já dura 16 anos. Com Pirat, um cão peralta da raça bolonka, a família se completa e vive no charmoso apartamento de Treptow.

Hojo relata que nunca aprendeu a falar português, mas diz que isso não faz diferença na vida do casal. “O alemão está sempre em primeiro lugar como língua e eu consigo entendê-lo muito bem”, diz, elogiando a desenvoltura poliglota do marido brasileiro.

Além da família, Hojo percebe que a comida e o clima tropical são os dois itens de que Aloísio mais sente falta do Brasil.

- De tempos em tempos, há um desejo de arroz, de feijão preto... E da alegria do clima quente.

A falta da comida e do calor, o coreógrafo brasileiro resolve com ocasionais visitas ao Brasil, a cada três ou quatro anos. Mas a saudade da família, esse sentimento tão humano, não tem jeito... Aos 34 anos, Nádia Martines é sobrinha de Aloísio e mora no Brasil. Ela era criança quando o tio deixou o país, mas reconhece que a ausência dele é uma lacuna que, de tempos em tempos, precisa ser preenchida com telefonemas e fotos.

- Sentimos muita falta do tio Aloísio. Apesar da internet e da tecnologia terem diminuído as distâncias, ele é mais tradicional e prefere ligar por telefone. Parte disso se justifica porque meus avós, pais dele, já estão na casa dos 90 anos. Por isso, é mais fácil telefonar. Muitas vezes, o tio nos manda fotos no celular e mostramos aos avós. Dessa maneira, a saudade diminui um pouco.

Na maior parte do tempo, Aloísio está em Berlim, onde trabalha com expressão corporal e acumula experiências como coreógrafo. Autônomo, ele desenvolve projetos em escolas públicas, onde atua como educador de crianças e adolescentes. Além disso, a luta pelo espaço profissional não deixa escapar do seu espectro escolas particulares, nas quais, vez por outra, implanta projetos.

50

Para Aloísio, a função do educador corporal é dar sinais de partida para que as pessoas encontrem seu corpo, seu movimento. “Eu trabalho muito com improvisação, onde as pessoas podem experimentar bastante, trocar com os outros participantes de forma eclética, alternativa.... Aí a gente vai transformando e ‘des’ transformado os corpos”.



Desafios e críticas

Experimentação, ecletismo, transformação. Os anos de Alemanha desafiam Aloísio a se mover cotidianamente. Às vezes, o sentimento de satisfação em relação à vida no exterior se esvai e se anuncia em um olhar que se perde no ar. Mãos e fala fazem movimentos em plena conexão, como querendo endossar sua absoluta certeza do que está dizendo.

- Viver em Berlim não é fácil. Na verdade, tem um lado fácil, bom e prático, porque é uma cidade que funciona. Mas algumas coisas não funcionam, outras funcionam até demais e deveriam ser um pouco mais soltas e tranquilas.

Ele reconhece que o país e a cidade oferecem muito aos seus cidadãos, mas enfatiza que eles trabalham bastante para isso, não é nada de graça. O espírito crítico e inquieto de artista pondera que a Alemanha sempre investiu em tecnologia e economia de ponta, mas deixou de lado aspectos da vida social e cultural.

- Eu acho que a Alemanha está passando por um processo de mudança onde, por muitos anos, não foram feitas coisas que agora se exigem. Há mendigos alemães que, neste frio, estão na rua... A área pedagógica tem que se abrir mais para que a gente (educadores) possa fazer mais.

“Não é sempre assim, mas, às vezes, dá vontade de não permanecer aqui”, diz Aloísio, embora reconheça que construiu bases e criou raízes que o deixam atado ao país. Além do trabalho, ele destaca também a sua vida pessoal.

- O Hojo é uma das raízes que se firmou, é um relacionamento de longos anos. Você não pode simplesmente abandonar essa história, nem é meu interesse.

Aloísio reconhece que gostaria de ir com mais frequência ao seu país natal. E não apenas por conta das relações familiares, mas também para ampliar seu espectro de atividades profissionais.

- Eu gostaria de vincular trabalhos na Alemanha e no Brasil. Já cheguei a fazer um projeto São Paulo – Berlim. Lá, eu escolhi a Praça da Sé. Aqui, Alexanderplatz. Aqui eles deram mais suporte e deu mais certo, mas você acaba encontrando vários obstáculos em todo o lugar.

Ele pretende trabalhar por mais 15 ou 20 anos, mas ultimamente tem pensado no futuro, que lhe parece imprevisível quando se trata dos limites do corpo de quem vive da dança. “A Alemanha, às vezes, não dá segurança nem para o próprio alemão”. Mas ele reconhece que essa preocupação faz parte tanto da luta de brasileiros que moram no exterior como daqueles que ficam no país.

Como todo mundo faz na vida e como ela ensina diariamente, Aloísio se coloca em movimento, flertando com os altos e baixos de se viver fora do país de origem. Ou, talvez, de se viver onde quer que se viva.

- O Brasil é onde estão meu coração, minha cabeça e meus pés.

Agradei e elogiei o chá de canela. Ele respondeu com um leve sorriso e fez uma observação final. “Como eu vim do Brasil aos 28 anos, lá eu fiz uma vida e aqui estou fazendo outra parte. Vamos ver se vai parar aqui (em Berlim), eu não sei”, brincou Aloísio. Com a maturidade de quem há poucos anos passou dos 50, ele sabe que a vida é feita de movimento e, por isso, ela é cheia de voltas e reviravoltas. Braços para cima, para o lado, para baixo, ele continua a criar e recriar a sua coreografia.

Publicado originalmente em 14 de abril de 2018.

Leia no site Berlinda, [em português](#), ou com tradução de Alexander Pribb, [em alemão](#).